

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO: PASOLINI REVISITADO

19 e 22 de Abril de 2022

PASOLINI, UN DELITTO ITALIANO / 1995

um filme de MARCO TULLIO GIORDANA

Realização: Marco Tullio Giordana *Argumento:* Marco Tullio Giordana, Sandro Petraglia, Stefano Rulli *a partir do livro* Vita de Pasolini *de* Enzo Siciliano (Giunti, 1995 / 1ª edição, 1978) *Fotografia:* Franco Lecca *Som directo:* Gianni Zamgarni *Montagem:* Cecilia Zanuso *Música (composição, orquestração, direcção):* Ennio Morricone *Cenografia:* Gianni Silvestri *Guarda-roupa:* Elisabetta Montaldo *Decoração:* Lorenzo D'Ambrosio *Caracterização:* Maria Gerolda Sale, Fiorella Sensoli *Efeitos especiais:* Massimo Cristofanelli *Interpretação:* Carlo De Filippi (Pino Pelosi), Nicoletta Braschi (Graziella Chiarocci), Toni Bertorelli (Inspector Pigna), Andrea Occhipinti (Furio Colombo), Victor Cavallo (Antonio Pelosi), Rosa Pianeta (Maria Pelosi), Giulio Scarpati (Nino Marazzita), etc.

Produção: Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica, Cecchi Gori Group Leopard, Numero Cinque Srl, Flach Film (Itália, França, 1995) *Produtores:* Claudio Bonivento, Rita Cecchi Gori, Claudio Bonivento *Cópia:* Cineteca Nazionale, 35 mm, preto-e-branco e cor, falada em italiano e legendada electronicamente em português, 100 minutos *Estreia:* 52ª Mostra Internazionale d'arte cinematografica di Venezia, Setembro de 1995 *Inédito comercialmente em Portugal* *Primeira apresentação na Cinemateca.*

É da morte de Pier Paolo Pasolini na madrugada de 2 de Novembro de 1975 que se trata. Dois anos antes do filme de Marco Tullio Giordana, realizado passados vinte sobre a data, Nanni Moretti evocou o brutal desaparecimento do poeta-cineasta na sequência de *Caro Diario* que começa num grande plano sobre as primeiras páginas dos jornais italianos da época noticiando o homicídio e segue, com Keith Jarrett e o *Köln Concert* (do mesmo ano de 1975), na companhia dele próprio e da sua vespa, por longos travellings motorizados na estrada da praia de Ostia nas cercanias de Roma, rumo ao local do crime tornado sítio de monumento in memoriam algo desolado entre as ervas com o mar em fundo. É uma sequência muito forte de *Caro Diario*, uma elegia que muitos espectadores não mais dissociarão da perda do homem a quem Alberto Moravia, seu amigo, chamava o maior poeta italiano da segunda metade do século XX (considerando-o sobretudo um poeta e depois disso cineasta, romancista, artista). *Pasolini, un Delitto Italiano* propõe uma radiografia do assassinato de Pasolini olhando a neblina que envolveu os acontecimentos policiais e jurídicos imediatamente posteriores. Um crime italiano, chama-lhe Marco Tullio Giordana.

O realizador – pelo menos por cá mais conhecido pelo seu filme *A Melhor Juventude* (2003) – trabalha o argumento a partir da biografia de Pasolini por Enzo Siciliano inicialmente publicada em 1978 e actualizada em edições posteriores. Siciliano, escritor de Roma contemporâneo e amigo de Pasolini, Moravia, Elsa Morante, com quem alinhava no círculo da intelectualidade dos anos 1950 e 60 da capital italiana, participara como figurante e num papel de apóstolo em dois filmes de Pasolini, *La Ricotta* e *Il Vangelo Secondo Matteo*. *Vita de Pasolini* lida na forma interrogativa com a opacidade da investigação do assassinato de Pasolini e subsequente julgamento do declarado culpado Giuseppe (Pino) Pelosi, jovem prostituto de 17 anos, condenado a nove anos e vários meses de prisão nos termos de um tribunal de menores. Centrando-se nos factos criminais, ancorando-se nas actas do processo contra Pelosi, em documentos e imagens de época, num trabalho sobre os arquivos, em testemunhos e na reconstituição ficcional que agrega polícias, causídicos e magistrados, peritos

médicos, jornalistas, prostitutas, familiares e amigos da vítima, o filme de Marco Tullio Giordana segue a mesma via reflexiva da história italiana de meados do século XX em que Pasolini foi um protagonista incómodo que viria a ser barbaramente assassinado nos convulsos anos 70. A opacidade de que se fizeram os caminhos tomados pelo processo emerge à superfície do filme que se ocupa em deixar questões em aberto contrariando a tese com a qual a justiça italiana da época arrumou o caso como o crime sexual confessado por Pelosi enquanto acto individual cometido em auto-defesa. Pistas e perícias não só turvavam a plausibilidade do motivo da dita agressividade de Pasolini para com o rapaz, como, sobretudo, apontavam para uma culpa criminal partilhada tomando o corpo massacrado de Pasolini como prova eloquente.

A imprensa italiana foi dando tais ecos, levantando as questões de uma eventual motivação política, ou de um eventual envolvimento da máfia e do envolvimento de outros implicados em que Giordana pega a favor desta última hipótese. Esta fora, aliás, admitida pelo tribunal de primeira instância que deixou lavrada a expressão “outros desconhecidos” como autores do assassinato, tese que Abel Ferrara adopta no seu filme de 2014 (*Pasolini*) seguindo o fio do pensamento de Pier Paolo e centrado no último dia da sua vida. Na época, o caso seguiu os seus trâmites, Pelosi cumpriu pena. Depois de sair da prisão, em 1983, declarou ele próprio a sua mentira, disse-se e contradisse-se em entrevistas nos anos 1990 e 2000 nunca esclarecendo o que se passou naquela madrugada. Levou tal crueza para a cova quando morreu aos 59 anos em 2017. Na altura, António Guerreiro escreveu uma crónica no *Público* (“A homossexualidade heróica de Pasolini”) em que, discorrendo sobre a “coerência estrita” da obra de Pasolini “na sua pluralidade de géneros e disciplinas” e sobre Pasolini como alguém “que nunca se deixou neutralizar”, lembra a polarização da reacção pública à morte de Pasolini nos dias imediatamente seguintes em termos justos: “Para uns, ele tinha morrido como sempre tinha vivido, como ‘um rato de esgoto’; para outros era o herói trágico de uma forma de vida que, tanto na sua dimensão privada como pública, tanto na literatura, no cinema e na teoria, como na sua vida sexual, tinha a radicalidade política e a irredutibilidade idiomática de um herege.”

Pasolini, un Delitto Italiano vem do turbilhão sentido nos anos 1970 e das suas réplicas. Com elas se debate, expondo a escrita e a acutilância crítica do “protagonista” – o texto das *Cartas Luteranas* que pontua o filme – ou encenando a incompreensão da figura e da sua obra, sensivelmente expressa na cena, na escola, em que uma professora responde ao desgoverno da turma com a leitura sentida de um poema de Pasolini sobre Roma. No título do filme, indica-se a tese que comporta a dimensão intelectual de Pasolini em desfasamento com o tempo em que viveu e a sociedade que marcou. Na abertura nocturna acompanhada da música de Morricone – a fuga a alta velocidade de Pelosi no Alfa Romeo de Pasolini e a sua detenção pela polícia – sinaliza-se o fascínio romanesco, ao passo que no final – imagens de arquivo de Pier Paolo e a sua palavra – se encontra o tributo. Combinando registos e materiais, a estrutura do filme parece buscar suporte numa perspectiva de inquérito fílmico que funcionou ainda – e por sua vez – como nova réplica, já que o livro homónimo publicado por Giordana antes do filme, com a documentação que reunira, foi fundamento de uma tentativa de reabertura do processo.

Apresentando-o em Veneza em 1995 (lê-se nas recensões críticas, em que também se encontra parte da transcrição da conferência de imprensa em que então participaram o realizador, o argumentista Sandro Petraglia e Marazzita, advogado da família de Pasolini), Giordana associava o seu filme a um retrato da Itália obtusa que o desesperava. E defendia que Pasolini compreendia tudo do seu país com uma lucidez que mantinha a actualidade.

Maria João Madeira